

jogo

MARCO
ANTÔNIO
ROCHA

ECONÔMICO

Neste momento sugiro aos meus colegas de todas as idades e correntes de pensamento — analistas, observadores, comentaristas, acadêmicos, empresários e agentes econômicos em geral — a fazerem como os filósofos pré-socráticos: praticarem a suspensão do assentimento.

Declaro formalmente, do alto de experiência vivida nos últimos vinte e cinco anos, minha absoluta e total incapacidade de avaliar racional e objetivamente a atual conjuntura para extrair dela qualquer conclusão válida ou prognóstico confiável.

Querem um palpite sobre a inflação?

Mas isso é fácil. É claro que ela vai entrar de novo em ciclo descontrolado. Ninguém mais tem a menor dúvida a respeito disso. O único terreno de dúvida é quanto ao ritmo e amplitude do descontrole.

A questão não é essa. A administração econômica está de novo virtualmente entregue às baratas e desarvorada. E o motivo principal é aquele que tínhamos na nossa última coluna: temos um presidente, mas não temos governo, como no período Zé Linhares, ou nos momentos finais de Jango Goulart.

O que faz um piloto de avião prudente e experiente quando o temporal lhe toma a visibilidade e os instrumentos estão desorientados? É simples: abre o manual. É um negócio quadrado, chato, destituído de criatividade — mas na hora do perigo é necessário se amarrar em alguma coisa.

A economia brasileira não pode nem deve ter uma administração de manual. Mas, a administração experimental e criativa de que precisaríamos necessita ela própria de enorme respaldo político, apoio social e com-

preensão universal. Neste momento, não existe nada disso. De modo que ou nosso ministro se volta para o receituário convencional, pelo menos para serenar um pouco os ânimos, à espera de melhores ventos, ou entrega o leme.

Se o presidente está dizendo que agora poderá governar como bem entender, sem as pressões políticas dos últimos meses, e se há sinceridade nisso, nosso ministro poderia aproveitar a oportunidade de ir ao presidente e colocar as cartas na mesa.

Mas aí entra uma indagação importante: saberá, realmente, nosso ministro com quais cartas jogar?

A idéia generalizada é que é um bom economista que só não teve sucesso porque a política tolheu seus movimentos e iniciativas. Será? Bem, ao menos há uma oportunidade de demonstrar isso. Mas quem tem de demonstrar é ele.

As decisões do Conselho Monetário Nacional revelam, porém, que a atual equipe econômica também não sabe o que quer. Meteram na resolução sobre conversão de dívidas a venda de bônus, misturaram as estações e transformaram o instrumento numa barafunda inócua. É um velho tique nacional. A falta de objetividade. Temos um problema para resolver? Qual é o problema? O problema da Transbrasil? Então vamos fazer uma reunião para resolvê-lo. Só que da reunião sai uma resolução para resolver, ou tentar resolver, o problema de todas as empresas com dívidas bancárias do Brasil, uma confusa e intempestiva maneira de transformar parte do compulsório bancário em financiamento de debêntures. Uma solução que não resolve o problema que gerou a reunião, mas em compensação agrava outros.